

Copyright _ Hedra 2006
Corpo editorial _ Adriano Scatolin,
Bruno Costa, Caio Gagliardi,
Fábio Mantegari, Felipe C. Pedro,
Iuri Pereira, Jorge Sallum,
Oliver Tolle, Ricardo Musse,
Ricardo Valle

Dados _ Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pessoa, Fernando (1888–1935)
Poemas completos de Alberto Caeiro. /
Pessoa, Fernando. – São Paulo: Hedra, 2006
186 p.

ISBN 978-85-7715-014-4

1. Poesia. I. Literatura Portuguesa.

CDU 869
CDD 869.1

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.

Endereço _ R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil

Telefone/Fax _ +55 11 3097 8304

E-mail _ editora@hedra.com.br

Site _ www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

-
-

- **Fernando António Nogueira Pessoa** (Lisboa, 1888–*id.*, 1935) é
- o mais importante poeta português do século XX. Aos sete anos, muda-se com a mãe para Durban, na África do Sul, onde é alfabetizado na língua inglesa. Em 1905, retorna definitivamente para sua cidade natal e ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Começa a publicar textos de crítica na revista *A águia*, em 1912, e a colaborar em jornais e revistas, sendo a principal delas a *Orpheu*. Cria os heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, o “semi-heterônimo” Bernardo Soares e o ortônimo “Pessoa ele-mesmo”. Durante sua vida publicou em livro apenas *Mensagem* (1934). Trabalhou em Lisboa como tradutor e “correspondente estrangeiro” de casas comerciais. Falece em decorrência de uma cirrose hepática aos 47 anos, nesta mesma cidade.

Alberto Caeiro, segundo Fernando Pessoa, inaugura a plêiade de personalidades criadoras, designadas pelo poeta como heterônimos. O marco inicial do processo heteronímico teria sido o dia 8 de março de 1914, batizado por Pessoa como “dia triunfal”, e celebrado pelo relato de um fluxo criativo ininterrupto, capaz de dar forma a um grande número de poemas notáveis, seja por sua qualidade inerente, seja por sua pluralidade semântica e estilística. No domínio da ficção biográfica, Caeiro nasceu em 1889, passou sua curta vida numa aldeia do Ribatejo, para onde se retirou em virtude da delicada saúde, e morreu em 1915.

-
-

Além de “O guardador de rebanhos”, considerada a obra principal atribuída a Caeiro, este volume reúne outras duas séries de poemas, cujo estabelecimento textual é ainda alvo de investigações, “O pastor amoroso” e “Poemas inconjuntos”.

Caio Gagliardi é professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, na área de Literatura Portuguesa; mestre e doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP e pós-doutor em Teoria Literária pela USP. É também pesquisador da obra de Fernando Pessoa e editor do site *Crítica & Companhia*.



SUMÁRIO

Apresentação, por Caio Gagliardi	9
POEMAS COMPLETOS DE ALBERTO CAEIRO	23
Introdução	25
O guardador de rebanhos	29
O pastor amoroso	91
Poemas inconjuntos	99
Notas para a recordação do meu mestre Caeiro	175



APRESENTAÇÃO

| 9

Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!

Alberto Caeiro

I

Suponhamos que Alberto Caeiro tenha existido; que tenha sido um corpo orgânico articulado, de carne e osso, dotado de capacidades sensitivas e cognitivas, e, o mais importante, de especial habilidade para escrever poemas. Caeiro seria então um homem louro, de olhos azuis, pele clara e estatura média. Nascido em Lisboa, em 1889, e tuberculoso, como o pai de Pessoa, teria se mudado para a casa de uma velha tia-avó, numa aldeia do Ribatejo. À distância, portanto, do alarido da cidade, e entregue à atitude contemplativa no contato direto com a natureza, Caeiro teria escrito duas das séries de poemas reunidas neste volume, “O guardador de rebanhos” e “O pastor amoroso”, e depois, de volta a Lisboa, e já nas vésperas de sua morte, em 1915, os “Poemas inconjuntos” — título só atribuído “postumamente”, por Fernando Pessoa.

A primeira dessas séries destaca-se das demais por ser considerada a que inaugura um estágio na poesia de Pessoa, bem como a que define a fisionomia poética de Caeiro.

“O guardador de rebanhos” pode ser lido como um conjunto de poemas dotados de autonomia estética e semântica, isto é, de poemas cujo sentido se estabelece independentemente de sua relação entre si, embora o contato ainda incipiente com esses textos sugira o contrário. Isso porque já a enumeração dos textos nos coloca em face com um poema

APRESENTAÇÃO

10 | composto, dividido em algumas dezenas de partes, que se somam umas às outras para desenhar um trajeto, um percurso com sentido próprio. Ambas as leituras são legítimas, a do todo e a das partes, posto que estas configuram, em suma, pequenos todos. E ambas são complementares, na medida em que uma empresta caminhos e abre perspectivas para a outra.

Aqui, apresentarei “O guardador de rebanhos” como um texto orgânico, ordenado por um senso construtivo que faz confluír cada uma das partes que o compõem através da harmonização de suas diferentes tensões.

II

Escrito na primeira pessoa do singular, “O guardador de rebanhos” se inicia com a proposição de um acordo com o leitor: “Eu nunca guardei rebanhos,/ Mas é como se os guardasse.” Assume-se, portanto, uma condição particular para o eu lírico do poema, a de pastor.

Alberto Caiero é alegoricamente pastor, uma vez que sua proposição inicial é essencialmente metafórica: “as minhas ideias são o meu rebanho”. Assim sendo, considere-se que logo de início o eu lírico se afirma como alguém que se quer pastor. E desejar-se pastor é apenas o primeiro passo para a definição de um perfil autoral — o poema será a voz de um elocutor espontâneo, inculto e instintivo. Mas também se define assim uma postura existencial — desejar apenas a natureza rural em si mesma, deixar-se absorver pela realidade objetiva, captada pelos sentidos, deambular pelo campo vivendo de impressões, sobretudo visuais, da paisagem à volta, e captar, a cada instante, a novidade das coisas, o seu conteúdo original.

A procura constante do real objetivo e atemporal de cada coisa em si mesma, deve provir, nesse corpo de poemas, da anulação do intelecto, porque, segundo Caiero, “pensar é estar doente dos olhos”. Opondo-se à metafísica (“Há

CAIO GAGLIARDI

| 11

metafísica bastante em não pensar em nada.”) ou a qualquer exercício de abstração mental (“O que penso eu do mundo?/ Sei lá o que penso do mundo!/ Se eu adoecesse pensaria nisso.”), Caeiro transfigura aquilo que é atributo do intelecto em percepção sensível: “E os meus pensamentos são todos sensações./ Penso com os olhos e com os ouvidos/ E com as mãos e os pés/ E com o nariz e a boca.” É pelos órgãos do sentido, e somente por meio deles, que a realidade material do mundo (a única realidade) pode ser revelada, na medida em que está tudo à mostra: “Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la/ E comer um fruto é saber-lhe o sentido.”

Estamos diante de uma visão objetualista do mundo, segundo a qual as coisas se resumem à sua aparência externa, àquilo que se mostra ao olhar. A exaltação do real sensível opõe-se, por decorrência, ao ideal concebido pelo espírito. Sem sombras ou mistérios, avesso a qualquer transcendência, estranho às crenças, ao oculto (“O único sentido íntimo das coisas/ é elas não terem sentido íntimo nenhum.”), ao filosófico e ao místico (“Os poetas místicos são filósofos doentes./ E os filósofos são homens doidos.”), o mundo diáfano de Caeiro leva à recusa do Cristianismo, segundo uma justificativa desconcertante: “Não acredito em Deus porque nunca o vi”.

Mas isso não significa que essa visão de mundo seja agnóstica. Conforme esclarece Leyla Perrone-Moisés, recusar Deus não é o mesmo que recusar uma dimensão divina para si mesmo e para as coisas ao redor. Se não há deísmo ou adoração nessa poesia, é porque — e esse é um aspecto seu importante — é a própria aparência que é divina. Caeiro é pagão, e o paganismo vira, por assim dizer, a consciência do poeta não para dentro, mas para seu exterior, para o mundo das formas, destituído de fantasmas.

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,

APRESENTAÇÃO

12 | Então acredito nele a toda hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?

Possivelmente influenciado por *A velhice do padre eterno*, de Guerra Junqueiro, o poema que marca o esforço por superar a fé cristã da infância e estabelecer a transição para o paganismo é o VIII de “O guardador de rebanhos”. Seu tom abertamente provocativo contrasta com os demais poemas, talvez pelo fato de ser nele que Caeiro zomba do Deus transcendente, e acolhe o menino Jesus que faz chapinhas nas poças e corre atrás das raparigas para levantar-lhes as saias. É essa “Criança Nova”, que habita o eu lírico Caeiro, quem lhe ensinará a olhar para o mundo. Assim, a passagem para o paganismo está associada ao que Caeiro chama de “aprendizagem de desaprender”: à limpeza ideológica das práticas da análise e da crença, à libertação do raciocínio, das ilusões psicológicas, da recorrência à Providência, dos pressupostos culturais; de tudo o que não é, em suma, ciência da visão.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Caeiro desconhece o espírito. Ama, portanto, o que há de divino no corpo das coisas, na sua materialidade explícita e individual. Aparentemente destituído de ânsia especulativa, ele escapa às aporias da metafísica, e potencializa, como pedra de toque dessa poesia, uma filosofia da visão; uma visão sem artifício ou sede interpretativa, que elege como

CAIO GAGLIARDI

| 13

referência o modelo infantil, sem ignorar, no entanto, o universo cultural que lhe segue. Dessa forma, a hipótese de um suposto momento original e absoluto, porque uno, transforma-se num caminho crítico em “O guardador de rebanhos”, cujo vetor principal aponta da complexidade para a simplicidade.

Em confluência com esse ideal de simplicidade e sensualidade (no sentido de percepção pelos sentidos), de contemplação direta das coisas, a poesia é escrita num registro também direto, como se Caeiro pensasse em voz alta. A linguagem despojada e o vocabulário enxuto condizem com a suposta primitividade do eu lírico, e da personagem criada. Despida de afetos e apelos emotivos, sem metro, rima, jogos sonoros ou marcação rítmica, a escrita dos poemas se vale, em síntese, daquilo que apresenta como natural e espontâneo.

Caeiro é, além do heterônimo mais inusitado, o mais radicalmente diferente do Fernando Pessoa ele-só. À luz dos poemas anteriores e subsequentes, do ortônimo, de Reis e Campos, mas também do próprio Caeiro, “O guardador de rebanhos” se apresenta como antídoto ao decadentismo, tão marcante na poesia portuguesa da virada do século XIX para o XX. Em resposta, Caeiro é didático. E é nesse sentido que pode ser considerado “mestre” dos heterônimos. Fundamentalmente, Caeiro *ensina* um novo olhar.

O título de “mestre”, atribuído pelo próprio Pessoa, tem relação direta com um projeto poético heterogêneo, eivado de contradições e momentos de percepção luminosa, que Fernando Pessoa teorizou e denominou Sensacionismo.

III

Num dia [...] — foi em 8 de março de 1914 — acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir.

APRESENTAÇÃO

- 14 | Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, “O guardador de rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase, aparecera em mim o meu mestre.¹

Esse é o mais conhecido excerto de uma carta-resposta que Pessoa remete ao crítico Adolfo Casais Monteiro, então co-diretor da revista *Presença*, órgão principal do Segundo Modernismo português, e revitalizador da geração anterior, reunida em torno da revista *Orpheu*. A carta, de 13 de janeiro de 1935 — escrita, portanto, mais de vinte anos após o suposto “dia triunfal” —, foi publicada num número especial da revista, dedicado ao poeta, e passou a ser referida como “carta sobre a gênese dos heterônimos”. Ela é um dos mais conhecidos documentos deixados por Pessoa, e, a despeito dos ecos que produziu, um dos menos confiáveis.

De sua leitura, resulta um dado importante sobre Caeiro: cabe a ele ocupar o ponto mais alto no panteão heteronímico.

Álvaro de Campos e Ricardo Reis também não existiram, mas a eles Pessoa atribuiu a autoria de séries de notáveis poemas, e de alguns textos em prosa. Dois desses textos, um intitulado “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, em que se delineia um testemunho afetivo e profundo da personalidade e das ideias do “mestre”, e outro, sem título, em que se produz algo próximo a uma recensão crítica de “O guardador de rebanhos”, somam-se, nesta edição, aos três grupos de poemas. Nas “Notas”, de Álvaro de Campos, encontramos o lamento do discípulo diante da notícia da morte do “mestre”: “Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo! Revejo-o na sombra que sou em mim, na memória que conservo do que sou de morto. . .”

O “mestre Caeiro” tem um atributo: sensacionista. É preciso atentar para essa sua especificidade.

¹Carta a Casais Monteiro, 13/1/1935. In: Antonio Tabucchi, *Pessoaana Mínima*. S/l.: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 121—126.

CAIO GAGLIARDI

| 15

O Sensacionismo é uma soma de textos fragmentários escritos em português e inglês, perfilados em volume pelos autores que compilaram a prosa teórica de Pessoa, e fundamentados, em síntese, numa ideia comum: de rejeição à existência de qualquer realidade independente da percepção.

A afirmação que o define com maior simplicidade postula que a única realidade é a sensação. Essa formulação eleva nossa noção comum de sensação à altura de uma doutrina de conhecimento, absolutizada pelo poeta: “Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela. Compreender o que outra pessoa sente é ser ela.”²

O desenvolvimento desse princípio se dá a partir da reformulação da linguagem usada para descrever as coisas. Pessoa hierarquiza e classifica o que não seriam, a princípio, sensações, como decorrências suas. Assim, “as ideias são sensações, mas de coisas não situadas no espaço e, por vezes, nem mesmo situadas no tempo. A lógica, o lugar das ideias, é outra espécie de espaço”.³

Está claro, no entanto, que ao apresentar o Sensacionismo como algo aparentado a uma doutrina de conhecimento, a intenção de Pessoa não é fundar uma filosofia, e sim justificar uma poética:

Eu era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas. Adorava admirar a beleza das coisas, descortinar no imperceptível. Através do que é diminuto, a lama poética do universo.⁴

Assim, “a base de toda a arte é a sensação”.⁵

A personagem Caeiro é qualificada por Pessoa como

²Fernando Pessoa. *Páginas íntimas de auto-interpretação*, sel., pref. e notas de Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Ática, 1966, p. 217.

³Ibid., p. 185.

⁴Ibid., p. 14.

⁵Ibid., p. 192.

APRESENTAÇÃO

- 16 | “fundadora” do Sensacionismo. Esse título decorre menos de uma eleição, digamos, em segunda instância de Pessoa, do que, efetivamente, da presença de uma profissão de fé sensacionista em “O guardador de rebanhos”. Ali, o eu lírico afirma categoricamente: “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos. . .”. Assim sendo, o ato de escrever significa, já de partida, uma contrariedade, porque não se escreve somente com os sentidos. Daí a explicação: “Como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse”. O eu lírico escreve como se consubstanciasse, ou melhor, como se quisesse consubstanciar — sem a interferência do pensamento, portanto — as próprias sensações.

Procuo dizer o que sinto
Sem pensar o que sinto.
Procuo encostar as palavras à ideia.

Em Caeiro, o despojamento da roupagem civilizacional e a conseqüente concentração de todo o ser nos órgãos dos sentidos metamorfoseia-se em troca daquilo que nos demais heterônimos (inclusive o ortônimo) encerra as dicotomias do raciocínio, agrupadas em torno do núcleo *consciência* versus *sensação*. Caeiro não representa, nesse sentido, a conquista de uma unidade perdida, ou sequer procurada — algo que, nos demais domínios da obra pessoana, resultaria em solução para os constantes impasses existenciais. Ele simplesmente finge deslocar-se para longe dessas questões. E até aqui, esse ideal-Caeiro reclama do leitor que aceite o jogo de faz-de-conta proposto por Pessoa.

IV

Mas Alberto Caeiro não foi poeta, tampouco escritor. Caeiro nunca existiu, sequer se materializou como personagem de um romance, conto ou peça. Apesar disso, este livro traz o seu vistoso nome na capa, sugerindo ter sido Alberto Caeiro autor dos poemas que se seguem. Não é

CAIO GAGLIARDI

| 17

verdade. No sentido restrito, o autor dos poemas que se irão ler foi Fernando António Nogueira Pessoa, esse sim escritor, e nascido em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888.

Alberto Caeiro, por seu turno, é um nome com que Pessoa se referiu a aspectos distintos de sua obra. Um deles, já descrito aqui, é a célebre personagem heteronímica, a figura fictícia composta por um conjunto restrito de hábitos, descritores físicos, datas e espaços biográficos. O outro Alberto Caeiro é o nome que designa um ideal de felicidade, a magistral utopia antimetafísica, da exterioridade absoluta, que reage, como já salientado, ao decadentismo remanescente dos finais do século XIX (presente, por exemplo, em parte da obra de Mário de Sá-Carneiro, e do próprio Fernando Pessoa, autor de poemas como “Impressões do crepúsculo” e “Hora absurda”); e ao saudosismo português (corporificado na figura e na obra do poeta Teixeira de Pascoaes, e notavelmente amplificado no seu ponto epigonal, que é *Mensagem*, de Fernando Pessoa).

Mas além da personagem, depreendida do anedotário heteronímico, e da ideologia, constituinte, como se vê, dos poemas de “O guardador de rebanhos”, resta tratar da escrita, do discurso ao qual se confere o nome Alberto Caeiro. E é este, efetivamente, um terceiro ponto a ser discutido.

Caeiro é pastor, mas um pastor no mínimo curioso, que lê Cesário Verde e que conhece Virgílio (“Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas/ E cantavam de amor literariamente.”). E, conforme já se salientou, o ideal-Caeiro é o de anular, não a personalidade, mas a consciência dessa personalidade, e definir-se apenas pelo olhar, pela exterioridade absoluta. Mas um movimento interrogativo, que é próprio, como se verá, dessa sintaxe bem armada, deixa à mostra o real esforço que se emprega por trás da aparente serenidade de “O guardador de rebanhos”:

Se eu interrogasse e me espantasse

APRESENTAÇÃO

18 | Não nasciam flores novas nos prados
 Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais
 [belo

(Mesmo se nascessem flores novas no prado
 E se o sol mudasse para mais belo,
 Eu sentiria menos flores no prado
 E achava mais feio o sol...
 Porque tudo é como é e assim é que é,
 E eu aceito, e nem agradeço,
 Para não parecer que penso nisso...)

Caeiro especula, embora lute a todo momento contra o pensamento: “Quase que me perco a pensar o que isto significa”. Como traição ao ideal “neopagão”, o raciocínio abstrato infiltra-se no texto. É como se essa poesia não pudesse ir tão longe, a ponto de encarnar o ideal que apresenta (e não que *representa*), uma vez que, em seu percurso, o espírito essencialmente crítico e interrogativo da poesia que caracteriza a voz predominante do poeta ortônimo passa a explorar as impossibilidades e as decorrências dessa perspectiva objetiva. “O guardador de rebanhos” evidencia, com especial carga dramática — porque concentrada, e nunca deflagrada ou posta a nu —, o campo de batalha em que está assentado, o esforço da busca, da procura constante do eu lírico: “Procuro dizer o que sinto/ Sem pensar em que o sinto./ Procuo encostar as palavras à ideia”. A sua suposta harmonia, ao longo da conjugação repetitiva do verbo “procurar”, revela-se tensa, reiteradamente dramática:

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado

Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuo despir-me do que aprendi.

Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram.

E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,

APRESENTAÇÃO

20 | Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
 O que o luar através dos altos ramos
 É, além de ser
 O luar através dos altos ramos,
 É não ser mais
 Que o luar através dos altos ramos.

Desse modo, produz-se, em síntese, um impasse entre a busca da objetualidade e um caminho poético autoconsciente.

Dessa binaridade brota, em “O guardador de rebanhos”, uma pequena série de poemas para a qual o próprio eu lírico, no poema XV, chama a atenção. Esses poemas, em particular, seriam em tudo contrários à proposta régia do livro, ou seja, ao ideal-Caeiro:

As quatro canções que seguem
 Separam-se de tudo o que eu penso,
 Mentem a tudo o que eu sinto,
 São do contrário do que eu sou. . .

Apresentada como voz de um eu lírico que se confessa “doente”, essa pequena série (XVI a XIX), marcada pelo signo da oposição, isto é, pela subjetividade, pela vontade permanente, pela estrutura metafórica explícita, e às vezes pela rima, encerra um ciclo de exaustão em “O guardador de rebanhos”. Impedido de realizar algo aparentado com aquilo que Husserl chama de *redução eidética* das coisas, ou de, por outra perspectiva, obter o que Bergson, e depois Merleau-Ponty, definiram por *sensação pura*, Caeiro sofre uma momentânea recaída. Mas, notemos: recaída apenas na medida em que aceitemos a inexistência de traços subjetivos e especulativos nos poemas que antecedem e sucedem essa série.

Na esteira desse acordo que Pessoa propõe, o “Pastor amoroso” representaria para nós, leitores condescendentes,

CAIO GAGLIARDI

a entrega do “mestre” ao farisaísmo romântico que antes rejeitara. | 21

Mas não é apenas nessa pequena série de poemas que essa polaridade se estabelece:

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as coisas,
Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

Antes, portanto, será melhor pensar que a poesia-Caeiro não se limita ao mito Caeiro. A coerência ou a incoerência de um heterônimo só pode ser justificada em termos de personalidade. Do ponto de vista de quem interpreta o texto, precede qualquer incursão imaginativa a tarefa fundamental de se considerar que o estilo-Caeiro não se reduz a exprimir uma personalidade. Ele nos coloca, ao invés disso, diante de uma escrita que sugere sentidos ao leitor, e cuja existência só se pode reconhecer verbalmente.

Procedendo dessa maneira, talvez seremos levados a considerar que se essa série de quatro poemas se apresenta sob a justificativa de um *mea culpa*, há que se sublinhar que seu distanciamento de um suposto ideal acaba por reiterar, na verdade, o empreendimento construtivo do poema. Em outras palavras, reforça-se, com esse expediente, o pacto inicial feito com o leitor, posto que, uma vez condicionado todo e qualquer traço de estilo ou lapso ideológico a um estado doentio do eu lírico, reitera-se o lado, por assim dizer, “são” do sujeito dos poemas.

Fatigado em meio a esse empreendimento corporificador do mundo, que resulta de imensas proporções, ao invés de simplesmente ver, Caeiro pensa que vê. O anti-humanismo do ideal-Caeiro se mostra contaminado de inquietude, incoerência e insegurança, aquém do humanismo da poesia-Caeiro. Desse pólo de contrastes, definido como o percurso

APRESENTAÇÃO

22 | de uma impossibilidade, “O guardador de rebanhos” se apresenta em sua integridade dramática.

O exercício crítico de se ler Alberto Caeiro para além da linha de suas afirmações implica constatar que a linguagem dos poemas não é meramente referencial ou denotativa. O ponto crítico situado entre o ser e o querer ser constitui, como traço próprio, o lugar de atuação dessa escrita.

Assim, essa poesia, ao satirizar as variações evanescentes do subjetivismo que a antecede, e ao cantar insistentemente, e como solução, “a espantosa realidade das coisas”, não oculta uma melancolia que consiste, não em outra coisa, senão em um dos problemas cruciais da literatura: a distinção central, e de dimensão ontológica, entre as esferas da linguagem e do real.